



➔ Ao longo de 400 páginas, livro traça trajetória de Tadeu Jungle, cuja obra é precursora do que seria chamado de estética da gambiarra. B2

Sábado 13/12/2014

MELHOR MESMO É ESTAR DISPOSTO A APRENDER

ARRIETE VILELA
ESPECIAL PARA A GAZETA

Vanine Borges Amaral, 29 anos, é atualmente arquiteta e urbanista da Superintendência de Infraestrutura da Universidade Federal de Alagoas e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. Mestre em arquitetura e urbanismo pela UFAL, em 2009, tem atuado em diversas áreas, como no desenvolvimento de projetos de arquitetura, restauro, propostas culturais e de preservação patrimonial no estado de Alagoas, bem como em projetos e consultorias em acessibilidade. Ensinou na Faculdade Integrada Tiradentes nos cursos de Design de Interiores e Engenharia Ambiental. Este ano, participou da primeira edição da Casa Cor Alagoas, em parceria com as arquitetas Joyce Fontan, Larissa Caldas e Lívia Martins, com a execução do ambiente Praça de Eventos. É integrante da Oficina de Leitura e Escrita Criativa e tem na leitura um dos maiores prazeres da vida. Eventualmente, compartilha algumas de suas ideias no site www.vaninetips.com.br.

“É um erro ter razão cedo demais”? (Marguerite Yourcenar)

Vanine Borges Amaral. Ao ler esta frase, recordo-me das diversas experiências de pesquisa que tenho tido em minha vida acadêmica. Nas investigações de caráter científico, somos levados a questionar afirmações, duvidar de práticas estabelecidas, testar teorias. Se não há dúvida, não na tese, e, portanto, não há construção do conhecimento. E bem assim é tudo na vida, uma corrida dialética, em que, entre erros e acertos, assertivas e negativas, propagamos movimento e encontramos as nossas verdades. Não acredito que seja muito sensato dizer-se “sabedor das coisas” de imediato. O melhor mesmo é estar disposto a aprender, a sorver o que há de novo a cada dia e experimentar o sabor da novidade. Quando não sabemos, há um mundo todo de aprendizado para nos preencher, há uma imensidão de possibilidades a nossa frente, pronta para nos moldar nas pessoas que seremos no futuro. Quando temos razão cedo demais, corremos o risco de cairmos na monotonia e perdermos todo o encanto da caminhada humana.

“Quem de seus males fala, alivia já desfruta”? (Cornélie)

Considero que a capacidade de externar os sentimentos humanos através das palavras, de maneira oral ou escrita, seja uma das maiores dádivas que possuímos. Dizer o mal que sentimos consiste em arrancá-lo do pensamento e, ao transformá-lo em sons ou texto, damos à dor

mais concretude, reconhecemos que ela existe. Está dado o primeiro passo para a cura. Se a dor é real e eu me escuto ao dizê-la, é possível que a submeto a um processo analítico, e, a partir de então, possa compreendê-la e definir a melhor forma de lidar com ela. E se, nesse percurso, há um outro que me escuta, o processo pode ser reforçado. Para isso, deve estabelecer uma relação entre aquele que fala de sua dor e aquele que está disposto a ouvir. Isso pode acontecer entre amigos, entre pais e filhos, ou mesmo entre desconhecidos. É preciso, no entanto, considerar que muitas vezes somos incapazes de falar dos nossos sofrimentos, e o progresso da melhora pode estar em compreender também aquilo que é por nós silenciado. Nesses casos, a fala continua a ser o caminho para a cura, mas a escuta precisa ser mais cautelosa. Esta consiste na condição fundamental do processo psicanalítico, em que a escuta do analista está para além da comunicação usual e propõe que o analisado, ao falar de si, possa acessar o seu inconsciente, trazendo à tona também o não dito, o que é externo apenas por meio de camuflagens, como nos sonhos, nos chistes, nos lapsos. Dessa maneira, ao dar voz ao eu consciente e inconsciente, podemos deslocalizar nossas dores e ressignificá-las de modo que seja possível viver melhor, sem ser esmagado pelo sofrimento.

“Ajusto-me a mim, não ao mundo”? (Anaïs Nin)

Se analisarmos esta citação como um imperativo – devo ajustar-me a mim e não ao mundo –, observaremos que ela contém um dos conceitos mais difundidos nos dias atuais, sendo ao mesmo tempo um dos mais difíceis de seguir. Ele está estampado nas frases de efeito das peças publicitárias e nas redes sociais. Em tais mídias, prega-se a autenticidade, que devemos assumir nossa personalidade única e “ser o que queremos ser”, independentemente do que os “os outros pensam”. Ironicamente, a ideia de sermos únicos nos é amplamente permitida se – e apenas se – nos encaixamos dentro das formas de viver, dos estilos e dos padrões sociais estabelecidos. Dessa forma, ajustarmos-nos a nós mesmos e não ao mundo é sermos capazes de assumirmos e libertarmos-nos dos grilhões dos modelos concebidos pela sociedade e passarmos a viver de maneira que mais nos deixe felizes. Por outro lado, se tomarmos a referida citação como uma constatação, somos levados a compreendê-la sob um novo ponto de vista. Não é ao mundo que eu me ajusto, e sim a mim mesma. Percebo, então, que sou prisioneira de mim, que eu

mesma construí conceitos que me orientam e me conduzem para que eu habite o mundo. Na verdade, não há um mundo, e sim vários mundos particulares, em cada ser nele contido. Se assim o é, sou meu único inimigo que me impede de conquistar meus desejos nesta vida. Entendo a frase sob a segunda perspectiva apresentada. Tenho um querido professor que sempre diz que salvar o mundo inteiro é um fardo enorme, impossível para nós, e que, se cada um conseguir salvar a si mesmo, já terá alcançado um grande feito. Bem, se temos um universo inteiro dentro de nós, talvez salvar a si mesmo seja o suficiente.

“Você não encontra a paz evitando a vida.” (Virginia Woolf)

Como evitar a vida? Para evitá-la, só vejo a possibilidade da “não vida”, do desistir, da depressão, da morte. Certamente a paz não está entre tais alternativas. A vida acontece. E ao pensar na vida, me vem à mente as palavras de Gonzaguinha: “Somos nós que fazemos a vida/ Como der, ou puder, ou quiser,/ Sempre desejada por mais que esteja errada,/ Ninguém quer a morte, só saúde e sorte”. Para mim, encontramos a paz quando nos sentimos satisfeitos com nossas atitudes, quando vencemos os combates diários, enfrentando nossos medos e angústias para realizar nossas metas e sentir que fizemos o melhor possível para alcançar os nossos objetivos. Se a vida é “luta e prazer”, não há como fugir, é preciso ir até o fim, inventando caminhos de felicidade em meio aos desafios.

“O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquentada e esfria, aberta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem...” (Guimarães Rosa)

Na formação em Arquitetura, estudamos alguns princípios que orientam a organização de recursos visuais de maneira que eles possam ser percebidos em um todo ordenado e harmônico; são os chamados Princípios de Ordem. Dentre eles, os de que mais me recordo são o ritmo e a repetição. Para mim, esses dois são mais marcantes porque eles ultrapassam o estudo da forma, sendo evidentes em tudo na vida. É a partir de movimentos repetitivos e ritmados que a natureza se constitui, a respiração ocorre, o nosso coração bombeia o sangue, a nossa rotina é organizada e a vida segue seu curso. A partir desse processo, criamos frequências com momentos de picos e vales, de tensão e relaxamento. Isso também ocorre na música ou no cinema. É igualmente desinteressante assistir a um filme cujo enredo é feito de uma ce-

PORQUE HOJE É SÁBADO. Arriete Vilela entrevista a arquiteta e urbanista de 29 anos Vanine Borges Amaral. Mestre em Arquitetura e Urbanismo, entre outras atividades, ela tem desenvolvido projetos de restauro, propostas culturais e de preservação patrimonial em Alagoas



Vanine é integrante da Oficina de Leitura e Escrita Criativa e tem na leitura um dos maiores prazeres da vida



“Dizer o mal que sentimos consiste em arrancá-lo do pensamento e, ao transformá-lo em sons ou texto, damos à dor mais concretude, reconhecemos que ela existe. Está dado o primeiro passo para a cura. Se a dor é real e eu me escuto ao dizê-la, é possível que a submeto a um processo analítico, e, a partir de então, possa compreendê-la e definir a melhor forma de lidar com ela”

ração para podermos estar preparados para os períodos mais enérgicos. Nesse ponto, talvez o que ela exija de nós seja compreensão, para percebermos a fugacidade dos momentos e para sabermos doar-nos com intensidade a cada uma das fases, tanto as de sossego como as de inquietude.

“Deus me torturou a vida inteira.” (Fiódor Dostoiévski)

Acredito que a maioria dos escritores possui uma mente questionadora quanto aos valores preestabelecidos na sociedade em que vivem e utilizam suas criações literárias para extrair tais sentimentos. Como diz uma interessante personagem, na obra *Os irmãos Karamázov*, “infelizmente, a verdade quase nunca é espiritualosa”. Nesse sentido, a escrita, assim como outras expressões artísticas, aparece como denúncia das contradições humanas, como escape da realidade crua, um anteparo para o viver. Dostoiévski, romancista russo e um dos maiores nomes da literatura mundial, tem em sua biografia, de uma maneira conflituosa, a forte presença da religião. Muitos

de seus personagens retratam uma vida marcada pela culpa e pelo sofrimento de não conseguir acreditar plenamente em um Deus, se a todo instante os fatos aparecem para por à prova toda a fé. Como seguir no caminho da crença, se o mundo faz doer a carne e a razão? E dói mesmo, é angustiante duvidar do que está posto como certo. Mas de uma coisa não tenho dúvida: a culpa continuará torturando nossas mentes diante da necessidade imposta de se encaixar a todo custo nos padrões oficiais da fé. Viver, por si só, é o maior desafio que enfrentamos. Mas não é fundamentando o sofrimento na vontade divina que transformaremos o real em um lugar melhor. Se há um Deus, ele não pode justificar guerras, misérias e devastações. Se há um Deus, para mim, ele deve corresponder a um ser de amor, que se manifesta quando conseguimos olhar o outro, sem qualquer preconceito e exercemos a compaixão. Ele provavelmente deve estar no meio de um abraço, dentro de um aperto de mão, passando na troca de olhares, habitando onde somos mais humanos: no “entre nós”. ◊